

# A base experiencial das metáforas do futebol brasileiro

(Experiential basis of metaphors used in Brazilian soccer)

Deize Crespim Pereira<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (FFLCH-USP)  
deize.pereira@usp.br

**Abstract:** The goal of this paper is to describe and explain the experiential basis of metaphors used in Brazilian soccer. The data consist of 150 tokens of metaphorical expressions collected from broadcasting soccer matches on Brazilian television in the years 2013–2014. The analysis is qualitative and based on the theoretical tools of Cognitive Linguistics. We aim to analyze metaphorical expressions under the hypothesis that they are based on our physical experience with our bodies, our perception, our movements, our manipulation of objects, and our interaction with our environment.

**Keywords:** Cognitive Linguistics; Brazilian soccer metaphors; embodiment; image-schema.

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é descrever e explicar a base experiencial de metáforas do futebol brasileiro. O corpus se constitui de 150 ocorrências de expressões metafóricas, recolhidas em transmissões de jogos de futebol pela televisão brasileira nos anos de 2013 e 2014. A análise é qualitativa e embasada em pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva. Procuramos analisar as expressões metafóricas partindo da hipótese de que tomam como base nossa experiência física com nosso próprio corpo, nossa percepção, nossos movimentos, nossa manipulação de objetos e nossa interação com nosso ambiente.

**Palavras-chave:** Linguística Cognitiva; metáforas do futebol brasileiro; corporificação; esquemas imagéticos.

## Introdução

Em trabalho anterior (PEREIRA, 2006), intitulado “As metáforas do futebol brasileiro”, realizamos uma análise das expressões metafóricas encontradas no futebol, com base em um *corpus* recolhido ao longo do ano de 2005 em jogos de futebol transmitidos pelo rádio e pela televisão, e utilizando os pressupostos da teoria das metáforas de Lakoff e Johnson (1980).

Naquele trabalho, pudemos constatar que a metáfora conceptual FUTEBOL É UMA GUERRA é a dominante, gerando um grande número de expressões metafóricas tais como: (i) Vem Bruno Otávio **desarmando o ataque** do time colorado; (ii) O Wendel é o primeiro a **dá combate** (PEREIRA, 2006, p. 129-130). Outras metáforas menos recorrentes foram: FUTEBOL É UMA RELIGIÃO: (iii) São Marcos **opera milagres**; FUTEBOL É UMA PINTURA: (iv) A gente tá vendo de novo essa **obra-prima** do Ronaldo; FUTEBOL É UMA DANÇA: (v) tá **chamando pro baile** Carlitos; FUTEBOL É UM COMÉRCIO: (vi) Campanolo vai **virando freguês** de Rogério Ceni (PEREIRA, 2006, p. 131-132).

No presente trabalho, voltamos a estudar as metáforas do futebol com o objetivo de descrever e explicar sua base experiencial. Os pressupostos teóricos são retirados da Linguística Cognitiva, mais especificamente, da teoria das metáforas (JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987, 2006; LAKOFF; JOHNSON, 1980) e da Semântica Cognitiva (TALMY, 2011). A análise é qualitativa com base em um novo *corpus* de cerca de 150 ocorrências,

recolhido nos anos de 2013 e 2014, principalmente em transmissões de jogos de futebol pela televisão, mas também em alguns programas esportivos.

## Pressupostos teóricos

Para analisar as metáforas do futebol, tomamos como base alguns pressupostos da Linguística Cognitiva. O primeiro deles é: *o pensamento é “corpóreo” (embodied)*, isto é, nosso modo de pensar, a maneira como vemos o mundo, estão diretamente relacionados com o nosso corpo, nossa percepção, nossa experiência física e cultural (LAKOFF, 1987).

Talmy (2011) enumera quatro significações implicadas no termo corporificação (*embodiment*):

1) *Corporificação e magnitude do corpo*: os fenômenos do mundo são categorizados em relação à maneira como nosso corpo (com seu tamanho e forma próprios) interage com eles. Apesar de Talmy questionar a validade deste postulado, todos os esquemas imagéticos de que trataremos a seguir comprovam esta tese; assim, por exemplo, nossa orientação espacial de DENTRO/FORA emerge primeiramente de nossa experiência física com nosso próprio corpo.

2) *Corporificação e sistema neural*: é a organização de nossa estrutura neural que determina como conceptualizamos os fenômenos. Assim, por exemplo, no século passado os cientistas acreditavam que os pássaros, por não possuírem neocórtex, não podiam ser treinados como cães, nem aprender a usar ferramentas ou se reconhecerem no espelho. Mas, recentemente, cientistas descobriram que apesar de os pássaros terem uma estrutura cerebral diferente da dos humanos, alguns deles, como as gralhas, são capazes de se reconhecer no espelho (SCHWARZ; GÜNTÜRKÜN, 2008).

3) *Corporificação e concretude*: nossa experiência com o mundo tangível é a base para conceptualizarmos fenômenos intangíveis. Em outras palavras, conceptualizamos o abstrato em termos do concreto. Exemplo: conceptualizamos TEMPO em termos de ESPAÇO (*três anos atrás*).

4) *Corporificação e antiobjetivismo*: grande parte do nosso pensamento e raciocínio se dá em termos de esquemas conceptuais derivados de nossa experiência. Exemplo de Talmy (2011): aprendemos o conceito de ângulo não como uma noção abstrata da Matemática, mas sim por meio de nossa experiência, assim que nos penduramos em um galho de uma árvore, que entortado com nosso peso forma um ângulo.

Outro pressuposto da Linguística Cognitiva central para este trabalho é: *nossa realidade é um mundo projetado*. A língua não é espelho da realidade; ela funciona antes como um filtro, uma lente, por meio da qual interpretamos o mundo. Projetamos estruturas no mundo, que estão não no mundo, mas na nossa mente. Essas estruturas se originam a partir de nossas experiências e nos ajudam a compreendê-las.

Os esquemas imagéticos são exemplos de estruturas que projetamos no mundo. Johnson (1987) apresenta a seguinte definição de *esquema imagético*: esquema abstrato, não proposicional, que emerge de nossa experiência corporal, de nossa interação com nosso ambiente, e nos ajuda a compreender e racionalizar o mundo a nossa volta.

Tomemos como primeiro exemplo nossa experiência com o domínio da FORÇA FÍSICA. Já na fase sensório-motora aprendemos que temos um corpo no qual atuam forças externas (como a gravidade, o vento, etc.) e internas (gases, por exemplo). Além disso, desde criança, começamos a perceber que nós também somos fontes de força, e, assim, aprendemos a mover nosso próprio corpo e a manipular objetos, tal como levantar um copo até a boca ou chutar uma bola. Mais tarde, aprendemos que há outras maneiras de exercer força, por exemplo, força à distância, psicológica, moral.

O esquema imagético a seguir (Figura 1) representa um padrão específico de força que é a COMPULSÃO. Ele consiste de uma força, uma entidade na qual a força atua e uma trajetória que a entidade seguirá. Este esquema poderia representar, por exemplo, nosso corpo movido por uma força física externa como o vento, ou uma força moral ou psicológica, como quando pais autoritários forçam os filhos a fazerem o que não querem.



**Figura 1.** Esquema imagético de COMPULSÃO (JOHNSON, 1987, p. 45)

O sentido de força para nós vem, portanto, da experiência corporal e de estruturas preconceptuais que emergem de nossa sensibilidade (percepção, orientação, interação com objetos, eventos, pessoas, etc.). É claro, porém, que essas experiências corpóreas não se dão apenas no âmbito privado da pessoa que as experimenta. Nossa comunidade linguística nos ajuda a interpretar e codificar muitos padrões de nossa experiência, que são compartilhados pelos membros de nossa cultura.

O conceito de força envolve outros conceitos como: origem da força (prototipicamente um Agente), intensidade, causalidade, trajetória, que podemos caracterizar como um vetor de força; exemplo: conforme a bola de futebol voa no ar, ela faz (desenha) um caminho, uma trajetória.

A TRAJETÓRIA é um outro exemplo e tem seu próprio esquema imagético. Johnson (1987) nota que nossas vidas estão plenas de caminhos que conectam nosso mundo espacial: da cama para o banheiro, de casa para o trabalho, do fogão para a mesa da cozinha, de São Paulo para Santos, da terra para a lua. Alguns desses caminhos envolvem mesmo uma superfície física que se atravessa (por exemplo, o caminho de casa para o trabalho). Outros envolvem apenas um caminho projetado (por exemplo, a trajetória de uma bala de revólver disparada para o céu).

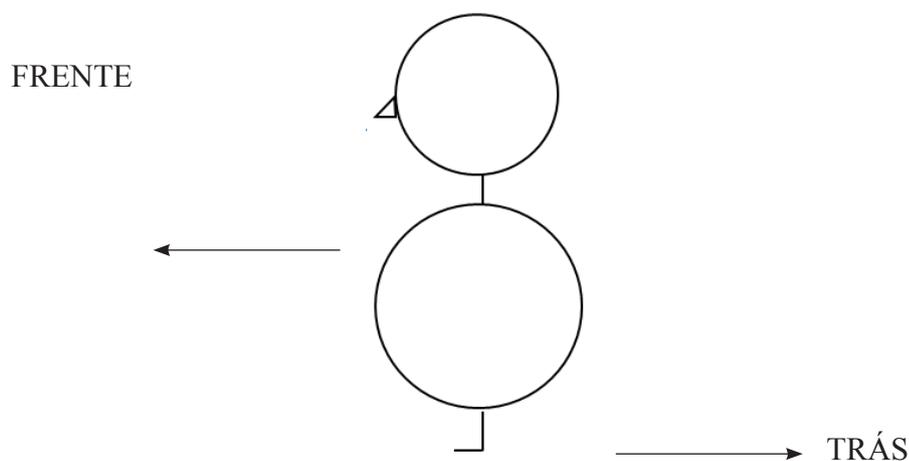
Em qualquer um desses casos, existe um padrão (Figura 2), um esquema imagético com uma estrutura interna definida que consiste das seguintes partes: origem, destino e sequência de localizações/posições.



**Figura 2.** Esquema imagético de TRAJETÓRIA (JOHNSON, 1987, p. 28)

Um terceiro exemplo é o esquema imagético para a orientação espacial FRENTE/TRÁS (Figura 3). Esta orientação está diretamente relacionada ao nosso corpo. O que está a nossa frente é o que está no nosso campo de visão; o que está atrás de nós é o que não podemos ver.

A Figura 4 serve para ilustrar como projetamos essa orientação em coisas que não tem frente/trás intrínseca. Nesta ilustração, onde está a ponte, na frente ou atrás da montanha? Um falante da nossa cultura irá dizer: *a ponte está na frente da montanha*. *A montanha* não tem frente intrínseca. Nós usamos nós próprios como referência. A frente da montanha é o lado que nós estamos, o lado que podemos ver; atrás da montanha o lado que não podemos ver. Então, a montanha sempre está de frente para nós. Esta é a orientação predominante no Ocidente. Mas há outras culturas e línguas (por exemplo, língua Hausa do Norte da Nigéria e outras línguas africanas), em que os falantes diriam: *a ponte está atrás da montanha*. Isto porque a montanha é concebida como virada para a mesma direção em que o falante está. Logo, se o falante está olhando para o lado de lá, virado de costas, a montanha também está virada para lá (está de costas). A orientação continua sendo o falante. A montanha assume a mesma orientação do falante (HEINE, 1997, p. 12-13).



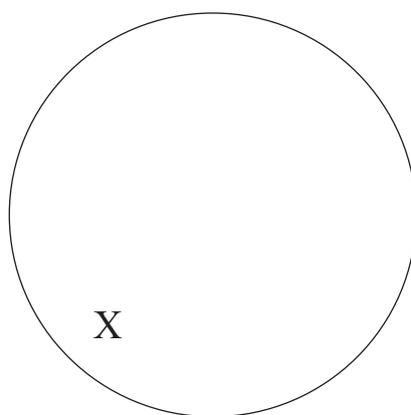
**Figura 3.** Esquema imagético de FRENTE/TRÁS adaptado de Heine (1997, p. 48)



**Figura 4.** Foto ilustrativa (www.dreamstime.com)

Um outro exemplo é o esquema imagético para CONTÊINER (ou RECIPIENTE) (Figura 5). Esta é a base experiencial para nossa orientação física de DENTRO/FORA (JOHNSON, 1987).

O esquema imagético de contêiner também emerge diretamente de nossa experiência com nosso próprio corpo. Por exemplo, nós temos perfeita noção do nosso corpo como um contêiner, onde colocamos comida, ar, água, etc. Desde o início da vida, experienciamos continente físico ao nosso redor, nas coisas que nos envolvem: entramos e saímos da sala, de roupas, das cobertas, do quarto, de veículos e de vários espaços delimitados. Além disso, manipulamos objetos como contêiners (xícaras, caixas, sacolas, latas, etc.). Muitos destes domínios são espaciais, mas a orientação espacial pode ser metaforicamente projetada em outros domínios não espaciais (*entrar na conversa, sair da competição*, por exemplo) (JOHNSON, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987). O esquema de CONTÊINER consiste de: interior, exterior e limite espacial.



**Figura 5.** Esquema imagético de CONTÊINER (JOHNSON, 1987, p. 23)

Como último exemplo, vejamos o objeto de estudo do presente trabalho: as metáforas. Elas também são mapeamentos que projetamos no mundo, que estruturam nossa experiência e nos ajudam a compreendê-la. A metáfora é definida por Lakoff (2006) e Lakoff e Johnson (1980) justamente como mapeamentos conceituais entre diferentes domínios da experiência. Conceptualizamos um domínio em termos de outro. Em outras palavras, estruturamos um domínio da experiência projetando nele estruturas de um outro domínio – os quais se denominam, respectivamente, domínio alvo e domínio fonte.

Lakoff faz uma distinção entre a *metáfora* (i.e. o mapeamento conceitual) e as *expressões metafóricas* (i.e. as expressões linguísticas). Exemplo: a metáfora conceitual FUTEBOL É UMA GUERRA toma como domínio fonte a guerra, e como domínio alvo o futebol. Esta metáfora gera expressões metafóricas como as seguintes:

- (vii) Um **ataque perigosíssimo** do Paulista.
- (viii) **uma bomba** a bola **explodiu** pra cima do Gustavo Nery.
- (ix) **Desarma** o time adversário.
- (x) O **massacre** no Pacaembu. (PEREIRA, 2006, p. 128-130)

É importante ressaltar que não se trata meramente de uma questão de figura de linguagem: se falamos assim do futebol é porque realmente o conceptualizamos em termos de uma guerra. Para Lakoff (2006, p. 185) e Lakoff e Johnson (1980), as generalizações

que governam a metáfora estão não na língua, mas primordialmente no pensamento. As metáforas são capazes de mudar o modo como vemos o mundo, através da criação de novas correspondências em nossa experiência (LAKOFF; JOHNSON, 1980; JOHNSON, 1987). Assim, em uma cultura em que não é comum falar de futebol em termos de guerra, as pessoas experienciam esse jogo de forma diferente.

O mapeamento é parcial. Só parte da estrutura do domínio fonte é tipicamente projetada no domínio alvo, assim como só parte do léxico do domínio fonte vai aparecer no domínio alvo. Por exemplo, a metáfora conceptual FUTEBOL É UMA GUERRA gera expressões como “artilharia”, “massacre”, “vítima”, “terror”, “ataque”, “bombardeio”, mas não “refugiados”, “espólio”. Contudo, uma vez que essa metáfora é comum em nossa cultura, integrando nosso sistema conceptual, somos capazes de entender instantaneamente expressões metafóricas novas (LAKOFF, 2006).

As correlações estabelecidas entre domínio fonte e domínio alvo provêm de nossa experiência, e não necessariamente de semelhanças objetivas. As metáforas não simplesmente projetam propriedades de um objeto ou evento em outro objeto ou evento que compartilham essas propriedades. Na verdade, elas criam semelhanças (LAKOFF; JOHNSON, 1980; JOHNSON, 1987).

Embora a metáfora possa ser representada por uma proposição (FUTEBOL É UMA GUERRA), ela não é uma proposição, mas sim um mapeamento conceptual. Além das metáforas vistas até aqui, que projetam conceitos do domínio fonte em conceitos do domínio alvo, existem também *metáforas imagéticas*, que mapeiam uma imagem mental em outra imagem (LAKOFF, 2006). Um equivalente em português dos exemplos citados por Lakoff (2006) seria “cintura de pilão”<sup>1</sup>: a imagem de um pilão é mapeada na imagem da cintura de uma mulher, em virtude da forma semelhante e remetendo ao fato de que a cintura é fina. A metáfora imagética também se dá por um mapeamento da estrutura de um domínio na estrutura de outro; é também conceptual, estando antes na imagem mental do que nas palavras.

As metáforas imagéticas, assim como as metáforas convencionais, são estruturadas por esquemas imagéticos do domínio fonte e preservam a estrutura destes coerentemente em relação ao domínio alvo, mapeando partes em partes, todos em todos, contêiners em contêiners, interiores em interiores, trajetórias em trajetórias, etc. (cf. Princípio da invariabilidade (LAKOFF, 2006)).

Lakoff (1987, 2006) e Johnson (1987) defendem que as metáforas não são arbitrárias, mas sim fundamentadas em nossa experiência e nossa interação com o ambiente físico e cultural. Vejamos um exemplo citado por Lakoff (1987, 2006) para ilustrar a base experiencial da metáfora. A metáfora (conceito metafórico) MAIS É PARA CIMA, MENOS É PARA BAIXO (*MORE IS UP, LESS IS DOWN*) dá origem às seguintes expressões metafóricas:

---

<sup>1</sup> Lakoff (2006) opõe *metáforas conceptuais convencionais* x *metáforas imagéticas*, interpretando este último tipo como metáforas novas na língua, ou poéticas. No nosso trabalho, porém, as ocorrências indicam que também as metáforas imagéticas podem ser convencionais, não necessariamente novas. Os exemplos de metáforas imagéticas citados pelo autor são: “*women-rivers*” e “*My wife whose waist is an hourglass*” (2006, p. 215), que podem ser traduzidos, respectivamente, como “mulheres-rio” e “minha esposa cuja cintura é uma ampulheta”.

(xi) Nossas vendas **caíram** no ano passado.

(xii) A taxa de criminalidade continua **subindo**. (LAKOFF, 1987, p. 276)

Esta metáfora toma como domínio fonte a VERTICALIDADE, e como domínio alvo a QUANTIDADE. Esta relação estrutural entre estes dois domínios está correlacionada a nossa experiência: por exemplo, quando adicionamos mais água em um copo, o nível da água sobe; quando retiramos livros de uma pilha, a pilha desce.

Fazemos essas projeções metafóricas inconscientemente, automaticamente, sem esforço nenhum. Por isso, grande parte das expressões passa despercebida. Johnson (1987) nota que foi somente há algumas décadas que a metáfora ganhou proeminência através dos cientistas cognitivistas, que reconheceram seu papel fundamental na construção da realidade: as metáforas estruturam nossa experiência e nossa conceptualização do mundo (LAKOFF, 2006; LAKOFF; JOHNSON, 1980; JOHNSON, 1987).

Todas as metáforas que descrevermos a seguir ocorrem com frequência, são convencionais na cultura brasileira, integrando nosso sistema conceptual. Elas ilustram a maneira usual de falar e pensar o futebol em nossa cultura. As expressões e os respectivos conceitos metafóricos são compartilhados por uma grande comunidade linguística nos termos de Labov (1991), composta por falantes do português, procedentes de diversas regiões do Brasil, diferentes classes sociais e graus de escolaridade, que têm em comum o fato de serem amantes do futebol brasileiro. A autoria de grande parte dessas expressões geralmente não é conhecida, mas a mídia contribui decisivamente para sua propagação em todo o território brasileiro, através das transmissões de jogos e vários programas esportivos exibidos na televisão.

## Análise dos dados

Procuramos analisar as expressões metafóricas partindo da hipótese de que tomam como base nossa experiência física com nosso próprio corpo, nossa percepção, nossos movimentos, nossa manipulação de objetos e nossa interação com o ambiente. As ocorrências foram divididas em cinco grupos, conforme sua base experiencial: um objeto, uma pessoa, uma ação/processo, uma imagem, uma orientação espacial.<sup>2</sup>

### Grupo 1: Metáforas relacionadas a nossa interação com objetos

Muitas metáforas têm como base experiencial objetos que nos são familiares e a maneira como nosso corpo interage com eles.

(1) é mais difícil ganhá do Fluminense **no tapetão**, ou ganhá do Fluminense no campo? (Vídeo “Os donos da bola” – BandNews, 27/12/2013)<sup>3</sup>

No exemplo (1), a expressão “no tapetão” se refere ao modo como se decide o resultado de uma partida ou campeonato: “no tapetão” é no tribunal (i.e. apelar para o

<sup>2</sup> Agradeço a Rui Evangelista pela sua colaboração para esclarecer o sentido das expressões metafóricas.

<sup>3</sup> Identificaremos a fonte de cada ocorrência entre parênteses, informando o jogo ou programa esportivo, o canal de TV e a data.

Superior Tribunal de Justiça Desportiva, STJD), e não no gramado do campo de futebol. Esta expressão metafórica provavelmente tem como base experiencial o tapete que cobre o chão do STJD.<sup>4</sup>

- (2) Que **tijolada** que mandô o Alexandre (São Paulo x Penapolense – TV Globo, 26/03/2014)

A “tijolada” do exemplo (2) constitui um lance em que o passe é mal feito e muito forte, imitando o lançamento de um tijolo. É a força excessiva que faz com que a bola fique mais pesada, lembrando um tijolo. Como notado anteriormente, essas correlações estabelecidas entre domínio fonte e domínio alvo provêm de nossa experiência, e não necessariamente de semelhanças objetivas. É claro que uma bolada é diferente de uma tijolada, mas nós os associamos em nossa experiência.

- (3) Na hora de dá a **chicotada** na bola ele pegô mal (Atlético MG x Nacional Paraguai – Sport TV, 19/03/2014)

A expressão metafórica “chicotada” também se refere ao modo de chutar a bola. Ela vem alta e o atacante tem de ser rápido e bater forte, imitando o movimento do chicote.

- (4) Então, entra o Messi **gasta a bola**... depois entra o Neymar pra **gastá o resto da bola** (Inter de Limeira x Corinthians – ESPN Brasil, 12/01/2014)

Nas nossas atividades diárias, lidamos com inúmeros objetos que são esgotáveis (sabonete, água, dinheiro, por exemplo). A quantidade desses objetos vai diminuindo conforme nós os usamos. Daí entende-se que USAR DEMASIADAMENTE UM OBJETO É GASTÁ-LO e é esta metáfora que gera a expressão metafórica “gastar a bola”, i.e. jogar muito, participar ativamente do jogo.

- (5) Achô **o gol** no final do primeiro tempo. (Penapolense x Santos – Sport TV, 16/02/2014)

Em (5) “achar o gol” imita a experiência de encontrar casualmente um objeto, que não se estava procurando. É um acontecimento acidental, um processo não voluntário. No futebol, esta expressão é utilizada quando um time joga inteiro na defesa, entra em campo para se defender e não para atacar, esperando assim que não tome gol e que em algum lance ele consiga eventualmente fazer um gol (i.e. achar um gol).

- (6) Não sei se ele quis tocá pro Jô, ou deu um **balãozinho**, deu um **chapeuzinho** (Atlético MG x Nacional Paraguai – Sport TV, 19/03/2014)

“Dar um chapéu”, “dar um balãozinho” fazem referência à ação de driblar o adversário. Os objetos remetem à forma com que se faz esse drible, especificamente à trajetória, ao percurso da bola no ar: a bola passa por sobre a cabeça do adversário, encobrindo-o. O chapéu é um objeto que colocamos sobre a cabeça, um balão no céu sobrevoa nossas cabeças. A localização “por cima da cabeça” é, portanto, o que faz com que relacionemos estes objetos à ação de driblar passando a bola por sobre o adversário.

- (7) Cristiano Ronaldo **encaixotado** no meio de quatro (Real Madrid x Valência – ESPN Brasil, 04/05/2014)

<sup>4</sup> Algumas dessas expressões têm uma forma especial no futebol, sendo comumente utilizadas com sufixos de diminutivo ou aumentativo (*morrinho*, *balãozinho*, *tijolada*, *tapetão*, etc.).

A marcação dos quatro zagueiros que cercaram o atacante imita a experiência de prendê-lo numa caixa. É claro que normalmente não ficamos presos dentro de uma caixa, mas é comum encaixotarmos muitos objetos no nosso cotidiano e esta é a base experiencial desta expressão metafórica.

A não marcação dos zagueiros, por outro lado, é conceptualizada como liberdade de movimento, como em (8).

- (8) O Valdívia tá muito bem... tá **solto** (Flamengo x Palmeiras – TV Globo, 04/05/2014)

## Grupo 2: Personificação de objetos do campo

Além de remeter a objetos que nos são familiares no nosso cotidiano, é muito comum que as metáforas personifiquem objetos. Neste caso, porém, são objetos presentes no campo de futebol que são metaforicamente tratados como pessoas.

O GOL É UMA PESSOA: neste caso se projeta o corpo de uma pessoa no espaço do gol com sua trave. É muito comum que esse mapeamento se restrinja ao rosto. Enquanto as expressões em (9-10) são muito frequentes, a que consta em (11) pode ser considerada uma metáfora nova. Apesar disso, podemos compreendê-la perfeitamente e instantaneamente a partir deste conceito metafórico já existente em nossa língua e cultura, o que condiz com a explicação de Lakoff (2006).

- (9) Vem todo time do Corinthians pra **boca** do gol (Corinthians x Paraná – ESPN Brasil, 19/01/2014)
- (10) Na **cara do gol**, dominou duas vezes, bateu pro gol (Joinville x Figueirense – Globo News, 06/04/2014)
- (11) na **bochecha** da rede (Argentina x Nigéria – Sport TV, 25/06/2014)

A BOLA É UMA PESSOA: a bola é conceptualizada como um ser [+animado]: é possível “apostar corrida com ela”; muitas vezes ela é portadora do traço [+humano], na medida em que um jogador pode “apanhar” dela (i.e. não conseguir dominá-la).

- (12) **Apostô corrida com a bola** (Real Madrid x Valência – ESPN Brasil, 04/05/2014)
- (13) Mas aí ele **apanhou** da bola (Inglaterra x Itália – Sport TV, 14/06/2014)  
A bola está viva, tem vontade própria, vai para onde quer; exemplos:
- (14) Foi um jogo muito disputado, o campo apertado, a bola **muito viva** (Chapecoense x Corinthians – Sport TV, 04/05/2014)
- (15) A bola fica **viva** (Cruzeiro x San Lorenzo – Sport TV, 14/05/2014)
- (16) Chega Ralph... a bola ainda **desviou** (Chapecoense x Corinthians – Sport TV, 04/05/2014)  
A bola procura o craque, mas dos outros está sempre tentando fugir. É traiçoeira e tem que ser dominada ou morta para voltar a ser um objeto [-animado].
- (17) **a bola procura, a bola qué o Messi, ela se oferece pra ele** (Argentina x Nigéria – Sport TV, 25/06/2014)
- (18) Essa mão foi providencial pra não deixá a bola **fugí** (Ituano x Palmeiras – Sport TV, 30/03/2014)
- (19) **Traído** pela bola (São Paulo x Penapolense – TV Globo, 26/03/2014)

- (20) Na entrada da área tentô **dominá** (Brasil x Sérvia – Sport TV, 06/06/2014)
- (21) **Matô** bonito. Ele deu uma **matada** na bola espetacular de quem sabe jogá (Ituano x Palmeiras – Sport TV, 30/03/2014)

O MORRO É UM JOGADOR: se um jogador chutar uma bola que resulta em gol e ela bater em qualquer saliência no campo de futebol, mudando sua trajetória, todos os comentaristas serão unânimes em afirmar que foi o morrinho que fez o gol. O morro é conceptualizado como um jogador. Ele pode efetivamente participar do jogo e interferir no seu resultado. O exemplo (23) combina a metáfora O MORRO É UM JOGADOR com a metáfora FUTEBOL É UMA GUERRA, que gera expressões como artilheiro (atacante que faz muitos gols).

- (22) eu acho que o **morrinho** ajudô ali (Brasil x Sérvia – Sport TV, 06/06/2014)
- (23) Pra deixar os gramados da copa lisinhos, sem chance de encontrar um **morrinho artilheiro** pela frente (Globo Esporte – TV Globo, 15/03/2014)

### Grupo 3: Ações e processos relacionados ao corpo

Outro grupo de expressões metafóricas encontradas no *corpus* envolve o uso de um verbo de ação ou de processo diretamente relacionado ao nosso corpo físico (movimento do corpo, sensações, processos fisiológicos, etc.). Assim, temos:

- a) Verbos de ação diretamente relacionados ao movimento do corpo, que aparecem nas seguintes metáforas e respectivas expressões metafóricas.

TOCAR NA BOLA LEVEMENTE É DAR-LHE UM TAPA

- (24) **Tapinha** de primeira (Chapecoense x Corinthians – Sport TV, 04/05/2014)

PRESSIONAR É SUFOCAR

- (25) O Corinthians tenta **sufocá** o Figueirense (Corinthians x Figueirense – TV Globo, 19/05/2014)

INCENTIVAR É EMPURRAR

- (26) O torcedor vai gritando, vai **empurrando** a seleção brasileira (Brasil X Croácia – Sport TV, 12/06/2014)

- b) Verbos de processo usados para ações: crescer e babar são processos sofridos pelo corpo, mas aqui tais processos são metaforicamente conceptualizados como ações.

PRESSIONAR É CRESCER

- (27) **Cresceu** pra cima dele o Davi Luis (Brasil x Croácia – Sport TV, 12/06/2014)

CHEGAR COM FORÇA É BABAR

- (28) Romarinho chegô **babando** de trás (Chapecoense x Corinthians – Sport TV, 04/05/2014)

- c) Verbos de processo usados para processos de outra natureza: outros processos sofridos pelo corpo também são metaforizados.

PERDER É TROPEÇAR

- (29) rodada de **tropeços** (Real Madrid x Valência – ESPN Brasil, 04/05/2014)

DISTRAIR-SE É COCHILAR

- (30) Deu uma **cochilada** ali a marcação com o Franchi (Chile x Austrália – Globo, 13/06/2014)

- d) Sensações: o domínio das sensações também é usado como fonte para as metáforas.

#### VONTADE DE JOGAR É FOME

- (31) Lá vem o Real, cheio de **apetite** (Real Madrid x Valência –ESPN Brasil, 04/05/2014)
- (32) temos um grupo com muita **fome de bola** (referindo-se ao time do Chile – Jornal da Band, 25/06/2014)

#### O DESÂNIMO É UM BANHO FRIO

- (33) **um balde de água fria** na torcida do Real Madrid (Real Madrid x Valência – ESPN Brasil, 04/05/2014)
- (34) É claro, é uma **ducha**, mas põe **ducha** nisso, uma **catarata de água fria** no Atlético de Madrid (Atlético de Madrid x Real Madrid – TV Globo, 24/05/2014)

#### A ANIMAÇÃO É QUENTE

- (35) Chamá a torcida pra **incendiá** o minerão (Cruzeiro x San Lorenzo –Sport TV, 14/05/2014)

#### O MOVIMENTO, A DISPUTA É QUENTE

- (36) Ajeitô no calcanhar, meio na **fogueira** (Brasil X Croácia – Sport TV, 12/06/2014)
- (37) O Atlético vem pro **abafa**, vem pra pressão total nesse final (Libertadores – Atlético MG x Nacional Paraguai –Sport TV, 19/03/2014)

#### A AUSÊNCIA DE MOVIMENTO, DE DISPUTA É FRIA

A implicação desta metáfora é a seguinte: quando um jogo deixa de ser movimentado, ele esfria; exemplos:

- (38) Deu uma **amornada** no jogo (Gana x EUA – Sport TV, 16/06/2014)
- (39) É claro que agora já faz parte do show **dá uma esfriada** no jogo (Holanda x Costa Rica – TV Globo, 05/07/2014)

### Grupo 4: Metáforas imagéticas

Estas constituem metáforas imagéticas em que uma imagem é projetada em outra, não necessariamente porque objetivamente se assemelham, mas sim porque nós as experienciamos como semelhantes.

Assim, quando um jogador projeta seu corpo chutando a bola com as duas pernas no ar, levantando uma e depois a outra (é esta última que chuta a bola), nós associamos este movimento com o movimento que executamos ao pedalar uma bicicleta, embora eles não sejam exatamente iguais. A bicicleta envolve uma metonímia: o objeto (bicicleta) pela ação (projetar as pernas no ar imitando uma pedalada).

- (40) Olha o Damião, que beleza! Podemos chamar isso de **bicicleta**? (Santos x Ituano – Sport TV, 13/04/2014)

O mesmo se dá no exemplo a seguir. O mergulho no campo para disputar uma bola não é exatamente igual ao mergulho na água, mas relacionamos essas ações em nossa experiência pela semelhança no movimento do corpo.

- (41) **Mergulhô** o Cícero (Santos x Ituano – Sport TV, 13/04/2014)

A expressão ilustrada a seguir é usada literalmente quando jogadores adversários, atacante e zagueiro, por exemplo, disputam uma bola aérea e se chocam, batendo as cabeças. Quando, porém, dois jogadores do mesmo time se atrapalham mutuamente dispu-

tando a bola entre si, não necessariamente batem as cabeças, mas a imagem de tal jogada é muito parecida com a evocada pela expressão literal, gerando a expressão metafórica “bater a cabeça”.

- (42) Os jogadores do São Paulo **bateram cabeça** (São Paulo x Atlético Mineiro – ESPN Brasil, 18/01/2014)

### Grupo 5: Metáforas de orientação espacial

Analisamos três tipos de orientação espacial: FRENTE/TRÁS, DENTRO/FORA e TRAJETÓRIA.

Começamos pela orientação espacial FRENTE/TRÁS. O campo de futebol não tem frente intrínseca. A orientação FRENTE/TRÁS toma como ponto de referência sempre um dos times. Esta orientação se inverte conforme o time que se toma como referência. É uma orientação projetada no campo a partir do corpo do jogador.

O CAMPO DE ATAQUE É A FRENTE DO CAMPO

O CAMPO DE DEFESA É A PARTE DE TRÁS DO CAMPO

- (43) Crasso já jogou lá pra **frente** (Corinthians x Figueirense – TV Globo, 19/05/2014)

- (44) Jean veio de **trás** (Fluminense x Internacional – Sport TV, 01/06/2014)

Passemos à orientação espacial DENTRO/FORA, que toma como base o esquema imagético de contêiner.

O campo de futebol tem limites definidos, delimitados por linhas brancas pintadas no gramado. Mas diferentemente de um recipiente prototípico, ele não é completamente fechado, já que não há muros e nem cobertura (teto). Ainda assim, ele é claramente conceptualizado como contêiner, seja em sua totalidade (como em 45-46), sejam áreas específicas do gramado (como nos exemplos subsequentes).

O CAMPO DE FUTEBOL É UM CONTÊINER

- (45) Cristiano Ronaldo abriu espaço, bateu pra **fora** (Real Madrid x Valência – ESPN Brasil, 04/05/2014)

- (46) A bola vai **sair** do outro lado, tiro de meta pra seleção brasileira (Brasil x Sérvia – Sport TV, 06/06/2014)

Quando o verbo *sair* tem como sujeito não a bola, mas os jogadores, daí então a ação de atacar é entendida como sair (ATACAR É SAIR), porque o time se dirige em peso para o campo de ataque. É o seu campo de defesa, portanto, que é conceptualizado como contêiner.

O CAMPO DE DEFESA É UM CONTÊINER

- (47) Palmeiras **sai** pro jogo (...) vai embora (Flamengo x Palmeiras – TV Globo, 04/05/2014)

Podem ainda ser conceptualizados como contêiner: o espaço próximo ao gol, que fica no centro do campo de ataque; a grande e pequena área defronte ao gol; o espaço do gol com sua trave; o jogo (a partida); como ilustrado nos exemplos a seguir.

#### O ESPAÇO PRÓXIMO AO GOL É UM CONTÊINER

(48) Ele prefere levá por **dentro** (Chapecoense x Corinthians – Sport TV, 04/05/2014)

#### A GRANDE E PEQUENA ÁREA SÃO UM CONTÊINER

(49) ajeitô no pé direito, mandô de **fora** da área (Real Madrid x Valência – ESPN Brasil, 04/05/2014)

(50) bola longa pro Jô **dentro** da grande área (Brasil X Sérvia – Sport TV, 06/06/2014)

(51) Keitá limpa a **entrada** da área do Valência (Real Madrid x Valência – ESPN Brasil, 04/05/2014)

#### O ESPAÇO DO GOL É UM CONTÊINER

(52) Cristiano Ronaldo **guarda** (EUA x Portugal–Fox Sports, 22/06/2014)

(53) O goleiro geralmente fica atrás, dessa vez o goleiro tinha **saído** (Cruzeiro x San Lorenzo – Sport TV, 14/05/2014)

#### O JOGO É UM CONTÊINER

(54) O Corinthians tenta **entrá** de novo no jogo (Corinthians x Figueirense–TV Globo, 19/05/2014)

Além disso, o time inteiro pode ser conceptualizado como contêiner. A base experiencial desta metáfora é clara e tem a ver com nossa interação com os objetos: quando um recipiente está completamente fechado, nada pode entrar nele. Quando um time se fecha, fica mais difícil para o adversário atacar, entrar no seu campo.

#### O TIME É UM CONTÊINER

(55) **Se fecha** inteiro ali o time da Sérvia (Brasil X Sérvia–Sport TV, 06/06/2014)

A última orientação espacial que analisamos, que se faz também por meio de projeção metafórica, é a TRAJETÓRIA, tanto da bola quanto dos jogadores e do time como um todo.

A trajetória da bola pode ser conceptualizada como desenhando uma forma própria no ar (A TRAJETÓRIA DA BOLA É UMA FORMA). Através de uma metonímia, toma-se a bola por sua trajetória. Estas expressões metafóricas são usadas para descrever o vetor de força da bola.

(56) Outra vez **bola longa**, conseguiu dominá Daniel Alves (Brasil x Croácia – Sport TV, 12/06/2014)

(57) Tentô a **cobertura** (Internacional x Atlético – Sport TV, 10/05/2014)

É muito comum que, para descrever a trajetória da bola, o falante utilize o esquema imagético de contêiner.

(58) Boa **abertura** na direita, Guilherme (Corinthians x Figueirense – TV Globo, 19/05/2014)

O exemplo (58) ilustra a seguinte trajetória:



**Figura 6.** Trajetória do exemplo (58)

Quando a bola não tem uma trajetória definida pelo jogador, há possibilidades alternativas de conceptualização. A primeira delas envolve a metáfora A BOLA É UM LÍQUIDO. Em (59), a bola “espirra” para qualquer lado, lembrando o espalhar de um líquido. A bola é, portanto, conceptualizada como um líquido. O espirrar remete à falta de direção da bola. Esta expressão é utilizada quando alguém chuta a bola, ela bate em alguém e sobra para um jogador.

- (59) Essa bola sobrô pro Ronaldinho/ Ela ficô de graça, a bola **espirrô** (Corinthians x Palmeiras – TV Globo, 16/02/2014)

Outra conceptualização envolve a metáfora FUTEBOL É UM JOGO DE AZAR.<sup>5</sup> Assim, lançar a bola sem direção é “rifar a bola”, “dar um passe lotérico”.

- (60) Se apavora, **rifa** a bola (Fluminense x Boa Vista – Sport TV, 15/02/2014)

- (61) Passe **lotérico**, aquele que o cidadão joga e torce pro cidadão chegá (Bahia x Fluminense – Sport TV, 24/05/2014)

Assim como a trajetória da bola, o caminho dos jogadores em campo também é conceptualizado como um desenho, uma forma.

- (62) Vou explicar pra vocês como é que funciona a marcação com **linha de quatro** (Brasil x Sérvia – Sport TV, 06/06/2014)

O último exemplo de expressão metafórica, que envolve a noção de trajetória, não tem a ver com orientação espacial propriamente. Trata-se de conceptualizar a própria competição como se fosse um caminho a ser percorrido. Assim temos as metáforas: O CAMPEONATO É UM PERCURSO e A PARTIDA FINAL É O DESTINO; exemplo:

- (63) **Chegô** merecidamente **ao final da Liga dos Campeões** (Real Madrid x Valência – ESPN Brasil, 04/05/2014)

## Considerações finais

Neste trabalho procuramos analisar as expressões metafóricas identificando sua base experiencial. Comprovando nossa hipótese inicial, muitas metáforas são “corpóreas”, tendo como domínio fonte nosso corpo e nossa interação com o mundo físico. Como nota Johnson (1987), se os sentidos são construídos a partir da maneira como interagimos com nosso ambiente, é natural que nosso ser inteiro esteja envolvido nesse processo. A maneira como experienciamos e compreendemos o mundo envolve as capacidades cognitivas e habilidades do nosso corpo, nossos valores e atitudes, nossa tradição

<sup>5</sup> Note-se que esta é uma conceptualização prototípica do jogo de futebol, mas não única; podemos conceptualizar o futebol de diferentes maneiras e por vezes opostas; como algo educativo e positivo, por exemplo, através de uma metáfora comum em nossa cultura: ESPORTE É EDUCAÇÃO.

cultural, nosso pertencimento a uma comunidade linguística e a um momento histórico, etc.

A língua também corporifica nossa cultura e, por isso, temos uma maneira própria de conceptualizar o futebol, que é talvez diferente da de todos os outros povos e culturas que apreciam esse esporte.

- (64) O Palmeiras se classificô na **Bacia das Arma** (Inter de Limeira x Corinthians – ESPN Brasil, 12/01/2014)
- (65) Agora virô um **bumba meu boi** pra tudo que é lado (Mogi Mirim x Corinthians – Sport TV, 09/02/2014)
- (66) Vai **ganhá o leitão** (Coréia x Argélia–Fox Sports, 22/06/2014)
- (67) **Abriu a porteira, a boiada vai passá** (Coréia x Argélia – Fox Sports, 22/06/2014)
- (68) Oswaldo **deu o bote** (São Paulo x CRB – Sport TV, 07/05/2014)

## REFERÊNCIAS

- HEINE, B. *Cognitive foundations of grammar*. New York: Oxford University Press, 1997. 185p.
- JOHNSON, M. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1987.233p.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. 11. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991. 344p.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.614p.
- \_\_\_\_\_. Conceptual metaphor. In: GEERAERTS, D. (Ed.). *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlim; New York: Mouton de Gruyter, 2006. p. 185-238.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1980.242p.
- PEREIRA, D. C. As metáforas do futebol brasileiro. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, São Paulo, v. 8, p. 113-143, 2006.
- SCHWARZ, A.; GÜNTÜRKÜN, O. Mirror-induced behavior in the Magpie (Picapica): evidence of self-recognition. *Plos Biology*, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.plosbiology.org/article/info:doi/10.1371/journal.pbio.0060202>>. Acesso em: 4 jul. 2014.
- TALMY, L. Cognitive Semantics: an overview. In: MAIENBORN, C. et al. (Org.). *Semantics: an international handbook of natural language meaning*. Berlim; Boston: Walter de Gruyter, 2011. Disponível em: <<http://linguistics.buffalo.edu/people/faculty/talmy/talmyweb/Recent/overview.html>>. Acesso em: 4 jul. 2014.